

GÊNERO E ENUNCIÇÃO/ENUNCIADO: ENTRE OS ESCRITOS DE BAKHTIN E VOLOSHINOV

Deyvid Souza Nascimento (UFPE)
deyvidsouza.educ@yahoo.com.br

É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbui-se do seu poder vital e torna-se uma realidade.
Voloshinov

Introdução

Muito se tem discutido e podemos até dizer, com base na infinidade de trabalhos acadêmicos em diversas áreas do conhecimento como a Linguística, a Literatura, etc. que circulam em meios eletrônicos como a internet, que Bakhtin é um dos autores mais citados e estudados em todo o mundo ocidental. Isso se deve à grande aceitação de suas ideias não somente na Europa, mas também na América, pois seus estudos foram capazes de inovar e criar conceitos, cuja base serviu a pensadores posteriores. Seus pensamentos acerca do dialogismo, enunciação, língua, polifonia, sua concepção de mundo, de homem, de sujeito, desencadearam na linguística contemporânea, após a descoberta dos escritos do chamado Círculo de Bakhtin¹, novas maneiras de encarar a língua/linguagem.

O repertório de suas obras tornou-se tão importante que no início dos anos 1980, após as traduções que muitas de suas obras tiveram, Todorov (1981, p. 7) chegou a atribuir-lhe dois superlativos: Bakhtin é o mais importante pensador soviético no domínio das ciências humanas, e o maior teórico da literatura no século XX. No entanto, algumas questões referentes à autoria de suas obras são questionadas até hoje, por isso vários estudos foram desenvolvidos tentando trazer à tona a verdadeira identidade dos pseudônimos.

A autoria de alguns artigos e livros atribuída por Ivanov² apud Todorov (1981) a Bakhtin, todavia assinados por Voloshinov, foi questionada (acreditamos que muito mais) devido às inclinações e aos modos como são abordados alguns dos conceitos mais importantes da “teoria dialógica” bakhtiniana. Os escritos de 1926 a 1930, alguns dos quais pretendemos enfatizar, revelam um autor crítico, sociológico, beirando a agressividade no tom do seu discurso, procurando delinear sua linha de pensamento marxista, ou seja, encontramos um ser por uma filosofia marxista da linguagem. Entre os anos 1929 e 1935, Bakhtin/Voloshinov desenvolve teorias acerca do dialogismo/diálogo e do enunciado, noções que repousam inicialmente sobre os tratados do professor Jakubiskij, de quem, segundo Ivanova (2011) Voloshinov foi aluno e ambos chegaram até a trabalhar na revista *Literaturnaja uceba*.

A questão da autoria de algumas obras assinadas por P. N. Medvedev e V. N. Voloshinov suscita até hoje discussões entre grandes estudiosos, especialmente alguns franceses responsáveis por traduzirem as obras de Bakhtin, entre eles Patrick Sériot, Tylkowski-Ageeva e Irina Ivanova. Mas é inegável que entre as redações do Círculo de Bakhtin existe um encadeamento de ideias que, ora se aproxima de uma perspectiva

¹ O primeiro grupo de amigos se forma em Nevel, pequena vila de província onde Bakhtin ensinou entre 1918 e 1920. Após os anos 1920 se reúne em Vitebsk.

² Amigo e admirador de Bakhtin.

mais sociológica (como no caso de Voloshinov), ora se liga às teses da fenomenologia³ radical de Brentano (no caso de Bakhtin), como afirmam Bronckart e Bota (2007).

Todorov (1981) aponta algumas razões que nos põem a questionar a tese de Ivanov⁴ sobre a ideia de todos os escritos serem de Bakhtin, mas deixa claro que sua intenção não é refutá-la. Seus questionamentos realmente nos inquietam, tendo em vista as adoções metodológicas de cada uma das fases da obra bakhtiniana. Entre eles estão:

- Bakhtin jamais reivindicou publicamente a paternidade destes livros [e artigos assinados por Medvedev e Voloshinov], nem no final dos anos vinte, nem no começo dos anos setenta (p. 18);
- Pode-se duvidar da existência de algumas testemunhas que jamais foram nomeadas por Ivanov. Voloshinov e Medvedev morreram nos anos trinta; o segredo, se houver um, ficou muito bem guardado no final dos anos vinte (p. 18);
- Os escritos assinados por Medvedev e Voloshinov, mas que seriam na realidade de Bakhtin, se parecem muito, por seu conteúdo ideológico tanto quanto por seu estilo, com outros escritos assinados pelos mesmos, porém não reivindicados pelos defensores da tese do pseudoanonimato (p. 19).

Diante disso, podemos dizer que é falacioso pensar que houve somente um autor responsável por toda essa produção científica do *Círculo de Bakhtin* a cuja nomenclatura Sériot (2010) apud Cunha (2011) faz uma crítica. Para ele esta é “uma invenção tardia e apócrifa”, em razão de a expressão nunca ter sido usada na época das reuniões (p.119). Ao utilizar esse título, estaríamos atribuindo a Bakhtin a liderança de tal grupo, o que pode nunca ter acontecido, e talvez possamos estar negando a autonomia dos outros intelectuais.

Nossa intenção não é a de confrontar opiniões⁵, mas ressaltar esses aspectos concernentes à autoria para definir alguns limites que se lançam sobre a complexidade da teoria dialógica da linguagem traçada em um dos primeiros textos de Bakhtin, redigido entre 1922 e 1924, após as dificuldades enfrentadas em Nevel e Vitebsk, *Pour une philosophie de l'acte*, traduzido para o português a partir da versão americana *Toward a philosophy of the act*⁶.

Assim, pretendemos analisar as noções de gênero e enunciado que começam a aparecer nos escritos dos anos 20 e 30 em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, *A estrutura do enunciado* e *O discurso na vida e o discurso na arte*, que, pelas questões já levantadas, atribuiremos a Volochinov⁷ até para destacar mais adiante das discussões

³ Brentano (1838-1917), que desenvolveu as bases da filosofia fenomenológica foi professor de Husserl (1859-1938), considerado o fundador desta corrente. Segundo Eagleton (2006, p. 85) a fenomenologia é a ciência dos fenômenos puros e nasce da insistência de Husserl na postura de que “tudo o que não seja ‘imaneente’ à consciência deve ser rigorosamente excluído; todas as realidades devem ser tratadas como puros ‘fenômenos’, em termos de como eles se apresentam em nossa mente, sendo este o único dado absoluto do qual poderíamos partir”.

⁴ Tese presente em obras de Ivanov citadas por Todorov (1981): 1. V.V. Ivanov, <<Znachenie idej M. M. Bakhtina...>> *Trudy po znakovym sistemam*, VI, Tartu, 1973, p. 44. 2. Texte russe dans V. Ivanov << O Bakhtine I semiotike>>, *Rossija/Russia*, 2, Torino, 1975, p. 284.

⁵ Tampouco chegar a dar títulos como fizeram Bronckart e Bota: *Bakhtine démasqué. Histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif*. Genève, Droz, 2011.

⁶ Versão traduzida por Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza

⁷ Na nova versão francesa (VOLOŠINOV, Valentin Nikolaevič. *Marxisme et philosophie du langage*. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert Lucas, 2010,

propostas por Bakhtin em *Os gêneros do discurso*⁸, capítulo reunido a outros em *Estética da Criação Verbal*. Vez ou outra, citaremos outras obras, quando convierem.

1. O contexto e os textos: epistemologia e história

À vida sofrida de Bakhtin/Voloshinov⁹ se liga um conjunto de obras que inauguram importantes questionamentos no estudo das ciências. Tal foi a tese de Voloshinov em 1926 cujo tema era *O problema de transmissão do discurso de outrem* sob orientação do professor Desnickii, segundo Ivanova (2011). Assim como o linguista alemão Vossler, o escritor de *A estrutura do enunciado*, a partir dos estudos de Jakubinskij sobre o diálogo, procurava uma solução para a crise do positivismo (CUNHA, 2011, p. 120) que ficará mais evidente em MFL.

Vários pressupostos do empirismo lógico foram amplamente questionados desde o final do século XIX. Assim, o método indutivo que, segundo Alves-Mazotti e Gewandsnajer (2001, p. 11) “é o processo pelo qual podemos obter e confirmar hipóteses e enunciados a partir da observação”, suscitou grandes debates no paradigma das ciências sociais, além do fato de sempre se ter questionado a cientificidade destas no decorrer da história. Por outro lado, a filosofia inclinava-se para uma tendência subjetivista, irracionalista.

Além disso, esse século viu nascer, logo nos seus primeiros anos, um desenvolvimento científico e tecnológico jamais visto em qualquer outro¹⁰. A corrida armamentista do imperialismo europeu (as Tríplices Alianças formadas no final do século XIX) acirrou ainda mais as disputas internacionais e consolidou os ideais capitalistas neste continente. Consequentemente, veio a Primeira Guerra Mundial, cuja destruição promoveu uma onda de revoluções sociais que assolaram a Europa.

Nesse contexto, a Rússia, que se viu obrigada a abandonar a Primeira Guerra Mundial, devido à revolução de 1917, marcada pela ascensão dos bolcheviques, o governo do proletariado e a queda do czarismo, buscava acompanhar esse progresso tecnológico e tornar sua economia, essencialmente agrária, mais forte. Nesse contexto, os governos de Lênin e, após sua morte, em 1924, o de Stálin, fizeram nascer uma ditadura poderosa que enrijeceu o capitalismo e deu ao Estado plenos poderes.

É nesse âmbito das revoluções do início do século XX, que nasce o formalismo russo, tendência marcante dos estudos literários que pretendia, de acordo com Passos (2010), chegar a uma ciência da literatura em que se sobressaísse a natureza autônoma da linguagem poética, ou seja, a linguagem literária estaria afastada de quaisquer outros aspectos que não fossem ela mesma. Desse modo, esta linguagem estaria desvinculada das relações com o social, encerrar-se-ia em si mesma. E Bakhtin/Voloshinov farão também críticas ao tipo de análise estilística formal.

Bakhtin (2002, p. 71), no tocante a essa estilística, afirma que ela “ocupa-se não com a *palavra viva*, mas com seu corte histológico, com a palavra linguística e abstrata a serviço da mestria do artista” (grifo nosso). Assim, “a arte é tratada como se ela fosse não-sociológica ‘por natureza’, exatamente como é a estrutura física ou química de um corpo” (VOLOSHINOV, 1926, p. 2)¹¹. Porém essa palavra viva, de

600 p.), Sériout atribui (e dá razões para isto) a escrita do MFL (utilizaremos a sigla para nos referirmos à obra) a Voloshinov.

⁸ Textos do final dos anos 50 que não foram publicados em sua totalidade.

⁹ Bakhtin chegou a ser preso e exilado no Afeganistão e Voloshinov é acometido por uma enfermidade que o leva à morte precoce em 1936.

¹⁰ As transmissões de notícias pelo rádio, por exemplo, fizeram as pessoas conectarem-se cada vez mais.

¹¹ Assim como em *A estrutura do enunciado*, enumeraremos as páginas de acordo com a tradução em português e ano de publicação original.

natureza social já é evidenciada desde o primeiro capítulo de MFL, *Estudo das ideologias e filosofia da linguagem*, onde Voloshinov (2010) afirma que “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” e “o modo mais puro e sensível de relação social” (p.36) e esta realidade ideológica está situada acima da base econômica, que é a superestrutura.

Portanto, é na própria relação com a alteridade e marcados pelo discurso dialógico, em que os sujeitos vão se constituindo socialmente, que se formam os discursos de Bakhtin e Voloshinov.

2. Intersecções: gênero e enunciado em Voloshinov

Uma das nossas primeiras constatações ao nos depararmos com os textos de Voloshinov é a de um autor preocupado com questões que marcam não somente o verbal, mas a força exercida dos elementos exteriores para a materialidade linguística. Por isso, ele enfocou o enunciado a partir de uma nova perspectiva.

Voloshinov (1926 [1976]) em *O discurso na vida e o discurso na arte*, para conceber um estudo do enunciado poético, precisou analisar em detalhes certos aspectos do enunciado em situações da vida cotidiana¹², em discursos da vida, que são sempre orientados para o interlocutor e não autossuficientes, pois “o discurso verbal nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação” (p.6). Ou seja, o enunciado não pode ser analisado isoladamente, sem levarmos em consideração os aspectos extraverbais¹³ presentes na enunciação.

Para que haja entendimento de um enunciado, é preciso compreender esse contexto extralinguístico, formado por três fatores: o espaço comum aos participantes da interação (o que é visível materialmente falando); o conhecimento partilhado entre os envolvidos e a compreensão da situação; e o julgamento comum desse momento. Assim, o “conjuntamente visto”, o “conjuntamente sabido” e “unanimemente avaliado” dão sustentação ao enunciado. Porém este, conforme o mesmo autor, não é condicionado unicamente pelos fatores extralinguísticos, mas, como um todo significativo, compreende duas partes: uma percebida ou realizada em palavras e a parte presumida (*Ibid.*, p. 9)

Há também outro aspecto que se encontra no limite do verbal com o não-verbal, do dito como o não dito que é a entoação, ainda no mesmo artigo de Voloshinov. Ela tem grande influência sobre a imagem do interlocutor ou dos interlocutores, é “social por excelência” (*Ibid.*, p. 10) e depende, assim como a construção do enunciado, da concordância ou dissonância entre os participantes da situação. Além da entoação, os gestos também concorrem para o processo de interação. Aliados, entoação e gestos, fazem uma pessoa assumir “uma posição ativa com respeito a certos valores específicos e esta posição é condicionada pelas próprias bases de sua existência social” (*Ibid.*, p. 12).

Para Ivanova (2011, p. 250) Voloshinov aborda, no artigo supracitado, pontos importantes para ele poder desenvolver posteriormente sua teoria da interação verbal. É perceptível também o posicionamento deste autor em relação a uma abordagem sociológica da língua que vai aparecer mais adiante em MFL. Por isso, não há como negar o encadeamento entre os escritos deste autor posteriores a 1926.

Como vimos, Voloshinov aponta outros aspectos da enunciação que vão além dos procedimentos de análise linguística da época, voltados para as unidades estruturais das línguas: fonética, morfologia e sintaxe. Para ele (2010, p. 116),

¹² Parte à qual nos deteremos.

¹³ Ou *contexte d'énonciation*, cf. Todorov (1981).

a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se ao interlocutor*: ela é a função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não¹⁴, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.)

Nessa perspectiva, a enunciação não existe fora da realidade vivida, pois o homem é um ser axiológico, que produz atos de fala e se acha inserido numa psicologia do corpo social (a ponte entre a estrutura sociopolítica e a ideologia - ciência, arte). Ademais, toda produção de discurso é sempre orientada para o outro, por isso não existe interlocutor abstrato e, além disso, um certo *horizonte social* determinado e seguido em cada época determina a nossa criação ideológica. E a palavra carrega toda essa orientação em função do interlocutor.

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (*Ibid.*, p. 117)

No entanto, vale ressaltar ainda, segundo o autor, que o que determina a estrutura da enunciação (a forma e o estilo) é a *situação social mais imediata* e os participantes.

Outrossim, Voloshinov (2010) apresenta características de uma enunciação monológica, objeto do que ele chamou de subjetivismo individualista e de objetivismo abstrato. A primeira corrente “ignora e é incapaz de reconhecer a natureza social da enunciação quando tenta deduzir esta última do interior do locutor, enquanto expressão do mundo exterior” (p. 126), e a segunda até apresenta a relação da forma linguística com seu conteúdo ideológico, *mas está errada* (palavras do referido autor), pois esse conteúdo não pode ser deduzido das condições de psiquismo individual. Logo,

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social de *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (*Ibid.*, p. 127)

Voloshinov (2010, p. 130) ainda destaca a “modelagem das enunciações” praticadas nas mais diversas situações da vida corrente. Essas modelagens são as formas particulares encontradas nas trocas de discurso cotidianas e são reforçadas pelos usos e pelas circunstâncias, seja numa conversa espontânea com um amigo, ou entre marido e

¹⁴ O linguista vai, em artigo posterior, mostrar exemplos de como isso acontece a partir de uma análise estilística, em uma obra literária de Gogol (1809-1852).

mulher, etc. Sempre surgem as “fórmulas correntes” que são a consequência de toda situação inscrita duravelmente nos costumes e possui um auditório organizado. Essas fórmulas da vida corrente dão origem a formas de construções de enunciações em diversos setores da vida cotidiana e na comunicação ideológica.

Essas esferas sociais são reguladas por discursos organizados, por gêneros linguísticos:

cada época e cada grupo social têm seus repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. Entre as *formas de comunicação* (por exemplo, relações entre colaboradores num contexto puramente técnico), a *forma de enunciação* (“respostas curtas” na “linguagem de negócios”) e enfim *o tema*, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. (*Ibid.*, p. 44 - grifos nossos)

Portanto, a perspectiva marxista de Voloshinov abriu caminhos para o estudo dos gêneros do discurso. Segundo Bronckart e Bota (2007, p. 10), este autor tratou

essencialmente, de um lado, de estudar a determinação que exercem as formas de organização política e as formas de atividades sobre estes gêneros, e de outro lado, pôr em evidência as diferentes formas de representações coletivas que concretizam os signos organizados nestes mesmos gêneros.

Posteriormente, Bakhtin desenvolverá em *Os gêneros do discurso* algumas noções a partir da sua perspectiva fenomenológica. No entanto, ainda antes, em 1930, em um de seus artigos, de uma série de três, intitulado *A estrutura do enunciado*, Voloshinov ainda fez considerações acerca do enunciado e dos gêneros. Para isso, reitera, desde os primeiros parágrafos, seu ponto de vista marxista em relação à linguagem, pois esta “segue a evolução da vida social” e sua “verdadeira essência é a interação verbal”.

Este autor volta a tocar na ideia de *auditório* do enunciado (a presença de vários ouvintes), define o temo *situação* (variação da relação de interação social) e reafirma a importância do extralinguístico para haver compreensão do enunciado.

Ora, o enunciado, considerado como unidade de comunicação e totalidade semântica, se constitui e se completa exatamente numa interação social. Deste modo, cada um dos tipos de comunicação social que nós citamos organiza, constrói e completa, de modo específico, a forma gramatical e estilística do enunciado, assim como a estrutura de onde ela se destaca. Nós daremos o nome de *gênero* a essa estrutura. (VOLOSHINOV, 1930, p. 3)

Esses gêneros da vida cotidiana, como a ordem e o pedido, por exemplo, pressupõe, para ser realizado, que o discurso esteja relacionado, em contato com o discurso alheio:

O modo como uma ordem é formulada, é determinado pelos elementos que podem obstaculizar a sua relação, pelo grau de submissão encontrado, etc. O gênero toma, portanto, sua forma “acabada” nos traços particulares, contingentes e únicos que definem cada situação vivida.

Mas não se pode falar de gêneros constituídos, próprios do discurso cotidiano, senão se se está em presença de formas de comunicação que sejam relativamente estáveis da vida quotidiana, e fixados pelos modos de vida e pelas circunstâncias. (*Ibid.*, p. 3)

Assim, os gêneros são elaborados em diferentes esferas da atividade humana, em diversas situações, como em bate-papos de festas sociais, na conversação entre marido e mulher ou entre irmão e irmã, em filas de espera, velórios, danças, nas diversões dos intervalos dos trabalhadores, etc. Mas o que vai definir as formas específicas de cada discurso será sempre o auditório.

Como toda a nossa produção de discurso está sempre orientada para o outro e nós sempre trazemos, habitualmente, uma resposta a todo enunciado do nosso interlocutor (seja verbalmente, por gestos, etc.), pode-se dizer que “toda comunicação, toda interação verbal, se realiza sob a forma de uma troca de enunciados, isto é, na dimensão de um diálogo” e esta troca de palavras “é a forma mais natural da linguagem” (*Ibid.*, p.4).

É interessante notar, e aí está uma grande complexidade da teoria bakhtiniana, que todo diálogo, mesmo o nosso diálogo interior, e até os enunciados, ainda que emanados de um interlocutor único são essencialmente dialógicos. Decerto, toda nossa produção de discurso é sempre a réplica de um diálogo, não há ineditismo, e nós estamos inseridos nesta teia dialógica desde que nascemos, enquanto nos constituímos como sujeitos axiológicos no mundo. É assim que os próprios escritos de Bakhtin/Voloshinov entram em uma cadeia discursiva intermitente, pois toda enunciação é iluminada pelo discurso de outrem e somente um Adão mítico, em uma terra virgem poderia evitar essa orientação dialógica (BAKHTIN, 2002).

Para finalizar, ainda sobre os gêneros discursivos, é importante reafirmar que as noções vistas em Voloshinov serão de grande importância para estudos posteriores de Bakhtin e acrescentar que para aquele autor (1930, p. 10), os enunciados da vida cotidiana, determinados ou não, são fixados em gêneros determinados aos quais correspondem. Por conseguinte, esses gêneros são sociais, fundados na palavra *viva* e só adquirem forma e conteúdo em situações de uso da língua.

3. Gêneros do discurso e enunciado por Bakhtin

A teoria clássica dos gêneros foi durante muito tempo a referência para os estudos nesse campo que era exclusivamente literário. Mas, no decorrer da história, muitas outras formas de expressar arte, por meio de outros gêneros que não eram somente o épico, o lírico e o dramático ocasionaram mudanças profundas e críticas a essa tradição. Ainda se discutiu durante muito tempo, a partir da tradição retórica, as tipologias textuais que foram, no Brasil, por exemplo, durante muitos anos,¹⁵ objeto de ensino por professores das escolas de ensino básico. Enfocava-se uma tipologia genérica e se “rejeitava” a diversidade de práticas sociais e as condições de produção sócio-históricas dos gêneros (BUNZEN, 2006). Para Marcuschi (2005, p. 22-23)

Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. [Já os gêneros textuais] apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica [...]: *telefonema, sermão, carta comercial,*

¹⁵ É claro que essa tradição ainda pode persistir.

carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística... (grifos do autor).

Para se chegar até essa ideia de Marcuschi (de gêneros de texto), muito foi desenvolvido na reformulação das teorias. E foi a reflexão de Bakhtin sobre os gêneros do discurso, considerando o dialogismo do processo de comunicação que desencadeou esse processo renovação (CUNHA, 2000; MACHADO, 2005).

Bakhtin preocupou-se muito com o gênero romanesco, que não é um gênero próprio da vida cotidiana, mas nele o linguista russo “encontrou a representação da voz na figura dos homens que falam, discutem idéias, procuram posicionar-se no mundo” (MACHADO, 2005, p. 153). Além disso, o romance comporta em si inúmeros outros gêneros. A noção de gênero, segundo Todorov (1981, p. 127) é analisada na obra assinada por Medvedev/Bakhtin¹⁶, segundo a qual “o gênero provém da dupla orientação de cada enunciado, para seu objeto e para um interlocutor”. Todavia, pretendemos nos debruçar sobre as ideias presentes em *Os gêneros do discurso* em que o linguista russo se detém a outro ponto: “trata-se da realidade do gênero na vida de uma sociedade” (TODOROV, 1981, p. 129).

Em *Os gêneros do discurso*, cuja tradução, segundo Sériot (2006), deveria ser *gêneros da fala*¹⁷, Bakhtin (1997) discute a problemática e propõe uma definição dos gêneros como sendo *tipos relativamente estáveis* de enunciados, pois qualquer pessoa, independentemente de sua condição social, está sempre relacionada com a utilização da língua, manifestada em forma de enunciados “que emanam duma ou doutra esfera da atividade humana” (p. 280). Por isso, como todas as atividades humanas são imensuráveis, os gêneros, que se formam a partir da cena enunciativa¹⁸, são infinitos.

Não há motivo para minimizar, então, a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso, construídos histórica e socialmente como fizeram algumas correntes teóricas, mas levar em consideração o que Bakhtin chamou diferença essencial entre os gêneros de discurso *primário* - simples (estão ligados à comunicação verbal espontânea, como uma carta, por exemplo, que pode adquirir uma característica peculiar ao se transmutar em um secundário) - e *secundário* (absorvem e modificam os primários por estarem em uma interação mais complexa. Um romance, tomado na sua totalidade é um enunciado secundário, complexo)¹⁹.

Bakhtin considerou que, para qualquer estudo linguístico ou filológico, é imprescindível entender a natureza do enunciado (ou gênero do discurso) a partir da inter-relação existente entre os gêneros primários e secundários. Isso por que “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam” (*Ibid.*, p. 282). Por isso faz-se necessário (re)conhecer a origem e a particularidade destes.

¹⁶ P. N. Medvedev, *Formal'nyj metod v literaturovedenii* (La méthode formelle en études littéraires), Leningrad, 1928.

¹⁷ O autor aponta o que para ele seriam alguns “erros” de tradução pelos francófonos que não levam em consideração o contexto russo em que as obras foram escritas e propõe traduzir “*rečevye žanry*”, por *gêneros da fala*. Ademais expõe as repercussões que essa expressão poderia trazer.

¹⁸ No sentido de que os gêneros são definidos por critérios enunciativos, aludindo às palavras de Cunha (2000, p. 2).

¹⁹ François (1998) questiona se esta diferença é de natureza ou grau. Para ele, “les choses se compliquent du fait que Bakhtine prend plutôt des exemples tirés de la littérature et en particulier du discours rapporté, qui par rapport au proto-dialogue constitue en un sens un exemple clair, mais pose aussi problème, puisque son laissées de cote lês relations à la vie quotidienne des énoncés réligieux, scientifiques, politiques, idéologiques...” (p. 119)

Constitutivamente, o enunciado foi descrito por Bakhtin como tendo cinco particularidades²⁰:

- A primeira está ligada às mudanças de locutor: “O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo ‘*dixi*’ percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou” (*Ibid.*, 294).
- A segunda refere-se ao acabamento (alternância dos sujeitos falantes vista do interior): percebido no **tratamento exaustivo do objeto sentido**: “o objeto é inesgotável, porém, quando se torna *tema* de um enunciado (de uma obra científica, por exemplo), recebe um acabamento relativo [...], desde o início ele estará dentro dos limites de um *intuito definido pelo autor*” (*Ibid.*, p. 300); no **querer-dizer do locutor**: o projeto discursivo do locutor determina a escolha do objeto e determina a escolha do gênero em que o enunciado será estruturado; e nas **formas típicas de estruturação do gênero**: “Para falar utilizamo-nos sempre de gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma *forma padrão* e relativamente estável *de estruturação de um todo*” (*Ibid.*, p. 301).
- A terceira está relacionada com a expressividade do locutor: “enunciado absolutamente neutro é impossível. [...] O estilo individual do enunciado se define acima de tudo por seus aspectos expressivos” (*Ibid.*, p. 308). “O sistema da língua possui as formas necessárias (isto é, os recursos linguísticos) para manifestar a expressividade, mas na própria língua as unidades significantes (palavras e orações) carecem, por sua natureza, de expressividade, são neutras” (*Ibid.*, p. 315).
- A quarta está concatenada com os enunciados alheios, com os elos anteriores: “O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto de discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências” (*Ibid.*, p. 319). “O enunciado está ligado está ligado não só aos elos que o precedem, mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal” (*Ibid.*, p. 320).
- A última, inscreve-se na relação com o interlocutor: “Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero”. O enunciado traz a réplica, as objeções, restrições do alocutário (CUNHA, 2000).

É evidente que Bakhtin, ao contrário de Saussure, que preconizou o estudo da língua, volta-se para um estudo da linguagem a partir das trocas verbais, de sujeitos que se constituem na relação com a alteridade: são “moldados” pelo seu próprio discurso e pelo discurso do outro. Mas também o gênero está relacionado com a situação de uso da língua; estamos sempre buscando no outro, a partir do outro o gênero mais adequado à instância discursiva.

²⁰ Também foram citadas por Cunha (2000).

3.1. O discurso alheio

Toda nossa produção de discurso está marcada pelo discurso do outro. Nós nos orientamos sempre a partir do que foi dito sobre determinado objeto. E é nesta relação, dialogando com os enunciados dos outros, que nos constituímos no mundo enquanto sujeitos falantes e atravessados pela ideologia dominante. Falamos sobre objetos já ditos. Nas palavras do próprio Bakhtin,

O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 2002, p. 86)

Até nossas enunciações monológicas são dialógicas; mesmo o enunciado interior, as nossas introspecções são marcadas pelo *outro*. Caso não, teríamos de retroceder há alguns milhões de anos e habitar uma terra inviolada onde não houvesse qualquer produção discursiva. Sempre temos uma forma para dizer o que queremos dizer, portanto, nós nos materializamos nos gêneros do discurso!

4. Conclusão

É no fluxo ininterrupto da linguagem que se desenvolvem as ideias, os discursos mais brilhantes em torno dela mesma. A língua move-se e modifica-se o tempo todo na boca do falante, que, independentemente de sua condição social, lança-se sobre o mundo e o constrói por meio dos enunciados onde já se nota a presença do outro.

As ideias de Bakhtin/Voloshinov, cada um a seu tempo, contribuíram sobremaneira para hoje pensarmos a língua como ela realmente se apresenta para nós, nas próprias palavras de Bakhtin, “*ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica” (*Ibid.*, p. 81). E a epígrafe deste trabalho ainda assegura a sua vitalidade. Logo, até a questão da autoria ainda bastante discutida no meio acadêmico, nós a colocaríamos não como um embate, mas como mais uma questão ainda a ser respondida, diante da imensurável teoria dialógica que nos faz (re)pensar/refletir mais criteriosamente sobre os discursos que nos cercam.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisas quantitativas e qualitativas*. 2. ed. São Paulo: Editora Pioneira, 2001.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Trad. Aurora Forni Bernardini et al. 5 ed. São Paulo: HUCITEC/ANNABLUME, 2002.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics. In: VOLOSHINOV, V.N. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza (uso didático).

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14 ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

Bota, C.; Bronckart, J.-P. Voloshinov et Bakhtine: deux approches radicalement opposées des genres de texte et de leur statut. In : *Linx*, 56, 2007.

BUNZEN, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CUNHA, D. A. C. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p. 116-132, 1º semestre 2011.

_____. A noção de gênero: algumas evidências e dificuldades. In: *Revista do Gelne*, vol. 2, n. 2, 2000.

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra [revisão da tradução João Azenha Jr.]. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANÇOIS, F. *Les discours et ses entours*. Paris : L’Harmattan, 1998.

IVANOVA, I. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Heber de O. Costa e Silva. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.6, p. 239-267, 2º semestre 2011.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003b. pp. 19-36.

PASSOS, L. Formalismo russo e suas contribuições para a moderna crítica literária. In: *Revista Literatura*. 23 ed., 2009. Disponível em: <http://literatura.uol.com.br/literatura/poesia-poemas/solucoes/busca.asp?t=formalismo%20russo>. Acesso em: 18 jun 2012.

SÉRIOT, P. Généraliser l’unique: genres, types et sphères chez Bakhtin. In: *LINX*, 56, 2007. Disponível em: <http://linx.revues.org/356>. Acesso em: 24 mai 2012.

TODOROV, T. *Mikail Bakhtine - Le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

VOLOSHINOV, V. N. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine - Le principe dialogique*. Paris, Seuil, 1976. Tradução de Ana Vaz (uso didático).